

Psicanálise e Ciências, em conflito?
Algumas questões filosóficas

Carlota Ibertis¹

¹ UFBA - carlota.ibertis@ufba.br

Resumo: O presente texto examina aspectos da relação entre psicanálise e ciências do ponto de vista da filosofia. Em especial, abordam-se as possibilidades e alcance das relações entre psicanálise e ciências da mente, por uma parte, e psicanálise e genética do comportamento, por outra, a partir de dois artigos de Peter Fonagy.

Palavras-chave: psicanálise; ciências da mente; genética do comportamento; psicopatologia desenvolvimental; epistemologia.

Abstract: This paper examines aspects of the relationship between psychoanalysis and science from the philosophical point of view. Based on two articles by Peter Fonagy, we discuss the possibility and scope of the relationship between psychoanalysis and sciences of mind, on the one hand, and psychoanalysis and genetics of behavior, on the other.

Key-words: psychoanalysis; sciences of mind; genetics of behavior; developmental psychopathology; epistemology.

No marco do VI Congresso Internacional de Filosofia da Psicanálise cujo tema gira em torno das guerras atuais nos diversos âmbitos em que a psicanálise tem algo a dizer, foi proposta uma mesa de conversação acerca de filosofia, psicanálise e ciência. Tratava-se, então, de pensar acerca dos possíveis conflitos de ordem teórica entre a psicanálise e as ciências. Essa circunstância motivou o presente texto em que tecemos considerações do ponto de vista da filosofia acerca de certos aspectos da mencionada relação, suas possibilidades e alcance.

Para cumprirmos com o acometido, tomamos como ponto de partida dois artigos de Peter Fonagy, psicanalista e pesquisador britânico², quem descreve a sua experiência de pesquisa na interface entre ambos os campos. O primeiro desses aborda as dificuldades, impasses e vantagens de um projeto de interação psicanálise-ciências da mente. No segundo, o autor refere-se, em particular, à relação entre a teoria do apego e o impacto da genética do comportamento na psicopatologia desenvolvimental. Enquanto exemplos de pesquisa que visam à complementação, apontam para a necessidade de reexaminar as possibilidades do diálogo entre saberes tão diversos bem como revisar o papel da filosofia no mesmo. No que segue, como seu título sugere, não pretendemos resultados conclusivos, mas, ao contrário, suscitar questões que possam levar a novas questões.

Psicanálise e “Ciências da mente”³

² Professor da Universidade de Londres e coordenador de pesquisa do Centro Anna Freud.

³ A presente seção é uma revisão da homônima de um artigo a ser publicado na coletânea *Experiências com Psicanálise na Universidade: ensino, pesquisa e extensão* / Maria Thereza Ávila Dantas Coelho, Sergio Augusto Franco Fernandes e Suely Aires (Organizadores). Salvador, EdUFBA (no prelo).

A pesquisa e a colaboração interdisciplinares têm se mostrado como tendências e motores da aquisição de saber. Entretanto, a psicanálise parece ter adotado em relação com as disciplinas chamadas ciências da mente uma atitude oposta. Com humor, Peter Fonagy compara pesquisar na interface psicanálise e ciências da mente com apanhar urtigas às mancheias⁴ em referência a que essa atividade, ao implicar a busca de comunicação e integração com tais disciplinas, defronta-se com inúmeras dificuldades em decorrência do abismo teórico-metodológico entre elas.

O autor cita Paul Whittle quem se refere a “uma falha geológica”, metáfora para aludir ao problema do encontro de duas culturas no estudo da mente: a da psicologia experimental, neurociências, ciências cognitivas, neurobiologia, desenvolvimento humano, etc. por um lado; e a da psicanálise, por outro⁵. Entre ambas, equiparadas a placas tectônicas, media um abismo: às características epistemológico-metodológicas das primeiras, os autores contrapõem as da psicanálise orientada à descrição da subjetividade apoiada no *insight* pessoal.

De acordo com Fonagy, as diferenças manifestas entre ambas as “culturas” explicariam não apenas que a experiência subjetiva tenha escapado às disciplinas psicológicas com exceção da psicanálise, mas também que os psicanalistas temam que a introdução de métodos de pesquisa da outra cultura ameace os fenômenos subjetivos. Recusando definir a “falha geológica” como fronteira entre a ciência e a não-ciência, Fonagy constata, a par dos avanços das ciências da mente, a elaboração de um modelo global da psique por parte da psicanálise⁶. Nesse contexto, o autor descarta a discussão epistemológica quando abordada em termos esquemáticos e ingênuos, questionando e condicionando o alcance e a possibilidade da integração entre as culturas disciplinares:

Existe uma outra questão, muito mais importante que a de uma simples denominação, por mais prestigiosa que seja: é a de saber se o campo de trabalho de pesquisa que empreendemos pode ser ampliado de modo significativo sem destruir os valiosos elementos de compreensão a que chegaram várias gerações de psicanalistas⁷.

A indagação sobre a natureza da “falha geológica” poder-se-ia expressar pela diferença entre as duas formas de trabalhar e pesquisar de um lado e doutro dela. Segundo Fonagy, enquanto

⁴ A mencionada comparação faz parte do título do artigo “Apanhar urtigas a mancheias, ou por que a pesquisa psicanalítica é tão irritante”. Apresentamos algumas das ideias centrais de Peter Fonagy neste artigo como caso paradigmático de um psicanalista a favor da integração entre psicanálise e ciências da mente. No Brasil, Richard Theisen Simanke vem introduzindo um ponto de vista que reaproxima a teoria freudiana da biologia.

⁵ WHITTLE, P., “Experimental psychology and psychoanalysis: What we can learn from a century of misunderstanding” *apud* FONAGY, “Apanhar urtigas a mancheias, ou por que a pesquisa psicanalítica é tão irritante”, p. 318 e ss.

⁶ FONAGY, “Apanhar urtigas a mancheias, ou por que a pesquisa psicanalítica é tão irritante”, p. 319.

⁷ FONAGY, *Op. Cit.*, p. 320.

a psicanálise procura, no exame de conteúdos psíquicos, provocar impacto sobre o leitor e remeter este a seus pensamentos – procedimento em que a ambiguidade é fundamental –, as ciências da mente caracterizam-se pelo “ascetismo cognitivo” orientado para a descrição e explicação dos processos psíquicos com base em observações sistemáticas⁸. Perante esse panorama, ele sintetiza sua proposta:

Num artigo que escrevi há mais tempo do que gosto de lembrar (FONAGY, 1982), proponho a tese de que os trabalhos de pesquisa não podem nem devem servir para testar ideias psicanalíticas. Se não se pode reproduzir uma observação clínica num observatório, não faltam razões capazes de explicar por quê. As observações sistemáticas poderiam servir para nos informar acerca dos processos psicológicos subjacentes nos fenômenos clínicos, para cuja abordagem utilizamos atualmente a linguagem metafórica da metapsicologia. Ao longo dos vinte anos que decorreram desde a redação desse artigo, tentei efetivamente trabalhar nesse sentido, primeiro no domínio da neuropsicologia, depois no do desenvolvimento⁹.

É relevante salientar o papel que Fonagy atribui à pesquisa e às observações obtidas na mesma. Não se trata da validação das teses psicanalíticas, mas antes bem da obtenção de novos dados. Em oposição à postura de alguns psicanalistas como André Green e Peter Wolff no sentido de aceitar apenas a associação livre e a escuta flutuante como elementos essenciais do método para reunir os dados psicanalíticos, Fonagy alega que a psicanálise desde seu nascimento se nutre de outros domínios de estudo como a filosofia, a história, a literatura, a antropologia, além das ciências naturais donde extraía pontos de contato e que renunciar a essa característica implica o isolamento.

Sem dúvida, – admite Fonagy – o problema reside em que os domínios vizinhos da psicanálise têm o potencial de destruir os *insights* singulares que a pesquisa clínica oferece. Todavia – retruca Fonagy – também existem exemplos de colaboração em que a psicanálise e as outras disciplinas se complementam reciprocamente¹⁰. Com isso, ele, enquanto psicanalista e pesquisador, insiste na importância de projetos que visem à integração para, como propósito principal, avançar no conhecimento e reelaborar a metapsicologia em termos consoantes com as descobertas científicas atuais, e para, secundariamente, melhor entabular uma comunicação com os outros cientistas acerca das descobertas psicanalíticas e assim evidenciar a eficácia do método¹¹. Parece-nos evidente que, do ponto de vista filosófico, a maior dificuldade desse

⁸ FONAGY, *Op. Cit.*, p. 321-324.

⁹ FONAGY, *Op. Cit.*, p. 325.

¹⁰ No artigo comentado aqui, o autor faz referência a várias pesquisas em que se observaria esse tipo de complementaridade como, por exemplo, os casos das pesquisas do autor com Mary Target, com Higitt e com Steele e Steele.

¹¹ FONAGY, *Op. Cit.*, p. 335

projeto reside, justamente, na ideia de uma integração. Qual é o significado desse termo? É possível, dadas as diferenças metodológicas e teóricas? Qual é o alcance e quais as implicações para cada um dos saberes? Seria relevante uma atualização da metapsicologia em novos termos?

Psicanálise, genética do comportamento e pesquisa desenvolvimental

No artigo intitulado “Desenvolvimento da psicopatologia da infância na idade adulta: a misteriosa implantação de distúrbios no tempo”¹², Fonagy dá indícios do que ele considera ser o paradigma frutífero que permite relacionar predisposições genéticas, experiência dos três primeiros anos de vida e transtornos psicopatológicos ulteriores. Trata-se da colaboração aberta entre geneticistas moleculares e defensores da teoria do apego sem cair nos reducionismos, sustentados inicialmente pelos primeiros, nem numa certa ingenuidade por parte da posição dos segundos.

Numa rápida revisão, Fonagy observa que na última década do século XX, impulsionada pelo entusiasmo do projeto genoma humano e a crescente sofisticação da estatística, a genética do comportamento chega à pesquisa desenvolvimentista desestimando fortemente o papel parental nas explicações cujo fator determinante passa a ser com quase exclusividade o genético. A modo de exemplo, o autor cita Rowe quem teria afirmado que os pais, na grande maioria das famílias de classe operária ou profissional, podem ter pouca influência sobre os traços que as crianças podem desenvolver na vida adulta, duvidando até de que algum traço indesejável manifestado por uma criança possa ser modificado de modo significativo por qualquer ação parental¹³. Assim, deu-se a transição entre um modelo inicialmente psicossocial de desenvolvimento a um quadro de referência genético-biológica que exclui, com frequência de forma *a priori*, a consideração das relações pais-criança¹⁴.

Com uma crítica ao reducionismo na interpretação dos dados da genética do comportamento, o autor defende, em primeiro lugar, que reduzir a importância da parentalidade e, em particular, das relações precoces de apego, se baseia em avaliações erradas dos dados, mas que também o acento posto no passado sobre o papel da parentalidade

¹² O artigo é resultado de um trabalho de pesquisa junto com Mary Target, George Gergely e Eliot Jurist e foi apresentado no Congresso da WAIMH (World Association of Infant Mental Health), realizado em Montréal, em julho de 2000.

¹³ ROWE, D. *The limits of family influence : Genes experience and behavior*, apud FONAGY, “Développement de la psychopathologie de l’enfance à l’âge adulte : le mystérieux déploiement des troubles dans le temps”, p. 338.

¹⁴ FONAGY, “Développement de la psychopathologie de l’enfance à l’âge adulte : le mystérieux déploiement des troubles dans le temps”, p. 339.

pecava de certo grau de ingenuidade ao considerar a influência dos pais unicamente em termos de qualidade da relação, de internalização ou de identificação¹⁵. Em segundo lugar, Fonagy afirma que as experiências precoces de apego podem ser fatores chave de moderação da expressão do genótipo individual e que a função evolutiva primária do apego residiria na contribuição à criação ontogenética de um mecanismo mental que module as experiências psicossociais em relação com a expressão dos genes.

No artigo, três casos ilustram a posição de Fonagy segundo a qual elementos genéticos e experiências precoces complementar-se-iam nas manifestações de comportamentos e distúrbios. Vamos nos referir a dois deles. O primeiro gira em torno da equação presença do alelo curto do gene 5-HTT, baixa concentração de 5HIAA no LCR, disfunção serotoninérgica e comportamento indesejável. Do ponto de vista da biologia molecular, poder-se-ia dizer que o alelo curto do gene 5-HTT é a causa da baixa concentração de 5HIAA, associada à disfunção serotoninérgica e do comportamento disfuncional. Desse modo, o alelo curto do gene 5-HTT seria o fator desencadeante. Todavia, na última década dos 90, observou-se que nessa equação também intervinham experiências precoces desfavoráveis. Nas experiências com macacos rhesus, dos indivíduos portadores do alelo curto do 5-HTT, somente os criados por pares – ou seja, privados dos cuidados maternos – apresentavam a baixa concentração de 5HIAA. Aqueles indivíduos portadores de alelo curto, mas criados pelas mães apresentavam a mesma concentração que os indivíduos com alelo longo. Portanto, seria a experiência do entorno precoce inadequado a que desencadeia a expressão do gene 5-HTT¹⁶.

O segundo caso apresentado por Fonagy sobre as peculiaridades da inter-relação genes-entorno diz respeito aos alelos A1 e A2 do segundo receptor da dopamina D2, presentes na minoria dos indivíduos normais. O predomínio elevado desses apresenta-se em indivíduos com problemas de alcoolismo, paixão pelo jogo, utilização abusiva de substâncias e distúrbios de comportamento alimentar. O estudo considera uma amostra de indivíduos com essas características genéticas, com os mencionados problemas de dependência e com história traumática. Uma análise preliminar sugere que o alelo A1 poderia ser um marcador biológico de um certo tipo de traumatismo de modo que o impacto do traumatismo sobre a personalidade adulta estaria restrito aos possuidores do mencionado alelo. Todavia, tratar-se-iam de efeitos restritos a determinadas formas de traumas interpessoais como abusos psíquicos e físicos e não a formas de negligências ou carências, por exemplo. Em ausência de traumas, o alelo A1 não se encontrava associado com nenhuma disfunção significativa de

¹⁵ FONAGY, *Op. Cit.*, p. 342.

¹⁶ FONAGY, *Op. Cit.*, p. 347-348.

personalidade. Além de indicar a possibilidade de ou bem o trauma ser o que conduz à expressão do gene ou bem os outros alelos serem os que determinam a capacidade do indivíduo de metabolizar experiências traumáticas precoces de forma apropriada, o interesse deste caso reside na especificidade da interação gene-entorno.

Tais exemplos de pesquisa na interface da genética com a psicopatologia desenvolvimental (mais históricos do que atuais) evidenciam a natureza do projeto científico: a integração de duas formas explicativas que se entrecruzam interagindo com alto grau de complexidade. Em especial, para Fonagy, o sistema representacional poderia ser um filtro ativo entre genótipo e fenótipo, assim, a elaboração mental de experiências resultaria essencial para a expressão ou não do material genético. Portanto, não se trata apenas de interação gene-entorno, mas da interação entre a carga genética, o entorno e o modo subjetivo segundo o qual esse é vivenciado.

No Congresso Internacional "Herencia y ambiente en psiquiatría del niño y del adolescente" organizado em Madrid em maio de 2004, Dio Bleichmar, seguindo a Gottlieb e Tucker Halpern, salienta que a compreensão dos fenômenos do desenvolvimento requer conceitos relacionais ou co-ativos da causalidade em oposição a causas únicas que operariam isoladamente¹⁷. A esse respeito enfatiza:

O conceito chave é entender que o que faz que o desenvolvimento aconteça é a relação entre os dois componentes, e não os componentes em si (pessoa-pessoa, organismo-organismo, organismo-ambiente, célula-célula, gene-gene, atividade-comportamento motor). Quando se fala de co-ação como o coração da causalidade evolutiva o que se quer enfatizar é que necessitamos especificar alguma relação entre ao menos dois componentes do sistema do desenvolvimento. O conceito usado mais frequentemente para designar a co-ação é o relativo à experiência¹⁸. (tradução nossa)

Se consideradas as perspectivas epistemológicas mais clássicas, trata-se de uma maneira diferente de conceber a causalidade em que elementos heterogêneos entram em interação. Em particular, resulta decisiva para nossa questão a possibilidade da relação entre gene e experiência do entorno enquanto vivenciada pelo indivíduo, ou seja, o possível impacto do aspecto subjetivo do entorno. Fonagy afirma:

A genética do comportamento humano estuda na sua maior parte o entorno "equivocado". O entorno que estimula a expressão de um gene não é

¹⁷GOTTLIEB, G. & TUCKER HALPERN, C., "A relational view of causality in normal and abnormal development", *apud* Dio Bleichmar, "Estudios sobre la relación herencia-ambiente en la temprana infancia", p.1-2.

¹⁸DIO BLEICHMAR, Emilce, "Estudios sobre la relación herencia-ambiente en la temprana infancia", p. 2.

objetivo, não é observável. A distinção de Freud entre as duas superfícies da consciência (uma voltada para dentro e outra para fora) proporciona a pista: é a *experiência* do entorno o que produz interações entre a herança e a circunstância, não o fato dessa circunstância em si mesma. A interação é entre o gene e o entorno *subjetivo*. O modo como se experimenta o entorno age como filtro na expressão do genótipo no fenótipo, a tradução do potencial genético na personalidade e no comportamento. Aqui, acredito eu, tangenciamos a importância da psicanálise para a compreensão das influências genéticas sobre a mente. Como psicanalistas, nossa preocupação principal é a interação das múltiplas camadas de representações para gerar a experiência subjetiva em relação com o mundo externo, isso é, a realidade psíquica. Os dados provenientes da genética requerem precisamente essa sofisticação. Para compreender o modo em que a maioria dos genes pode ou não ser expressa em indivíduos concretos, precisamos compreender o mundo interno da criança ou, de fato, do adulto¹⁹. (tradução nossa)

Na linha das declarações de Eric Kandel acerca da possibilidade de mudanças na expressão genética provocadas pelas experiências de aprendizagens psicanalíticas, Fonagy avança:

Eu sugiro que os modos habituais de interpretar o mundo afetam à química cerebral que, por sua vez, influi na expressão dos genes. A psicanálise clínica é uma técnica efetiva para modificar os modos habituais de interpretar o mundo, especialmente nos contextos mais estressantes, onde o impacto do significado subjetivo pode ser o mais intenso²⁰. (tradução nossa)

Uma análise que visasse examinar as regras do uso dos conceitos presentes em diversos discursos certamente teria de atentar à especificidade dessa modalidade de integração ou complementação, proposta por pesquisadores como Fonagy, refletida no modo de conceber a causalidade.

Uma tarefa para a filosofia?

Em geral, a psicanálise tende a prescindir do contato com as disciplinas biológicas²¹. Essa posição – certamente alicerçada na convicção de que não precisa do mesmo uma vez que a vida de uma pessoa é suscetível de ser explicada sob perspectivas diferentes – pressupõe a incomensurabilidade entre o tipo de discurso próprio das ciências naturais por uma parte e o da psicanálise, por outra.

Desde as célebres distinções entre ciências do espírito e ciências naturais e entre compreensão versus explicação, parte da tradição filosófica tende a separar os tipos de discursos atribuindo-lhes especificidades que seriam excludentes. Em torno disso, em

¹⁹ FONAGY, P., “Genética, psicopatología evolutiva y teoría psicoanalítica: el argumento para terminar con nuestro (no tan) espléndido aislamiento”, p. 25.

²⁰ FONAGY, P., *Op.Cit.*, p. 26.

²¹ FONAGY, P., *Op.Cit.*

Ceticismo e naturalismo: algumas variedades, Strawson comenta, não sem ironia, sobre as relações entre o mental e o físico, em termos de diferentes “histórias”:

Cada história invocará relações explicativas próprias: uma, em termos de leis neurofisiológicas e anatômicas; a outra, em termos daquilo que se chama às vezes, com intenção pejorativa, de “psicologia popular”; isto é, em termos explicativos comuns que cronistas, romancistas, biógrafos, historiadores, jornalistas e fofoqueiros utilizam quando apresentam suas explicações para com o comportamento e a experiência humanos - os termos empregados por pessoas tão simples quanto Shakespeare, Tolstói, Proust e Henry James²².

Assim, o que acontece a alguém pode ser concebido, ou bem, como um único tipo de evento suscetível tanto de uma descrição física quanto de uma descrição mental; ou bem, como constituído por dois tipos de eventos, um físico e um mental, entre os quais mediam ligações causais. Desse modo, Strawson identifica duas maneiras possíveis de conceber as relações entre cada uma das “histórias” que pretendem dar conta do que acontece com alguém: a primeira defende a identidade entre as mesmas, pois se trataria de um único tipo de evento apenas descrito de duas formas diferentes; a segunda afirma uma ligação causal entre dois eventos, o físico e o mental, na qual este último resultaria mero epifenômeno do anterior sem eficácia causal²³.

Para Strawson, o problema filosófico surge por supor uma inter-relação de certo tipo entre as duas histórias segundo a qual cada estado mental tem uma base física, sugerindo que, ao invés de escolher entre a tese da identidade ou a causal, se deveria optar pela formulação não-comprometedora que fala apenas de uma realização física do mental: “Fazer outra coisa é deixar de reconhecer até que ponto as duas histórias não se apresentam *in pari matéria*. Equivale a tentar uma história unificada onde não há nenhuma história para ser contada”²⁴.

A prudência aconselha evitar compromissos metafísicos não necessários no marco das disciplinas distribuídas em campos que até um tempo atrás permaneciam separados. Entretanto, exemplos de pesquisas como as aqui citadas introduzem a necessidade de reexaminar a inter-relação corpo/experiência. Assim, às alternativas entre reduzir um discurso a outro ou mantê-los separados, acrescenta-se a de concebê-los segundo a co-ação ou interferência mútua.

²² STRAWSON, Peter F., *Ceticismo e naturalismo. Algumas variedades*, p. 71.

²³ STRAWSON, Peter F., *Op. Cit.*, p. 72 e ss.

²⁴ STRAWSON, Peter F., *Op. Cit.*, p. 76.

À maneira de conclusão

Dado o tipo de pesquisa mencionado, a reflexão filosófica enquanto análise das regras implícitas nos usos efetivos de conceitos básicos²⁵ como o de causalidade nos diversos discursos requer uma nova avaliação do papel do lugar da psicanálise entre os demais saberes, em particular, no que diz respeito às ciências biológicas e às ciências da saúde. Sem dúvida, nessa empreitada, o desafio continua sendo preservar a especificidade psicanalítica com todas as questões que isso abrange.

Com efeito, se lembrarmos da atitude de Freud, em princípio, a proposta de Fonagy parece afinada com o espírito dos inícios da psicanálise. Apesar das resistências e dos mal-entendidos que ela possa acarretar, e com independência de preferências teóricas, parece inevitável aceitar a necessidade de examinar cuidadosamente possibilidades, alcance, vantagens e desvantagens desse tipo de pesquisa que implica uma concepção específica de causalidade e, por conseguinte, da integração entre disciplinas dissimiles, também a serem examinadas. Tarefas que, a nosso entender, são filosóficas e se inserem no horizonte da filosofia da psicanálise em sua variante epistemológica²⁶.

²⁵ Em nossa opinião, a analogia de Strawson entre a análise filosófica e a gramática, apresentada em *Análise e metafísica: uma introdução à filosofia*, continua sendo elucidativa para o entendimento da abordagem epistemológica.

²⁶ MONZANI, Luiz Roberto, “O que é filosofia da psicanálise?”, p. 7; SIMANKE, Richard Theisen, “O que a filosofia da psicanálise é e o que ela não é”, p. 28.

Referências Bibliográficas

DIO BLEICHMAR, Emilce, “Estudios sobre la relación herencia-ambiente en la temprana infancia” in *Aperturas Psicoanalíticas, Revista Internacional de Psicoanálisis*, 2004, Nº 17, disponível in <http://www.aperturas.org/articulos.php?id=0000298&a=Estudios-sobre-la-relacion-herencia-ambiente-en-la-temprana-infancia>

FONAGY, Peter, “Apanhar urtigas às mancheias, ou por que a pesquisa psicanalítica é tão irritante” in: GREEN, A., *Psicanálise Contemporânea: Revista Francesa de Psicanálise, Número Especial 2001*, trad. Álvaro Cabral, Rio de Janeiro, Imago, São Paulo, SBPSP, 2003.

FONAGY, Peter, « Développement de la psychopathologie de l'enfance à l'âge adulte : le mystérieux déploiement des troubles dans le temps », *La psychiatrie de l'enfant* 2001/2 (Vol. 44),p. 333-369.DOI 10.3917/psy.442.0333, <http://www.cairn.info/revue-la-psychiatrie-de-l-enfant-2001-2-page-333.htm>

FONAGY, Peter, “Genética, psicopatología evolutiva y teoría psicoanalítica: el argumento para terminar con nuestro (no tan) espléndido aislamiento” in *Aperturas Psicoanalíticas, Revista Internacional de Psicoanálisis*, 2003, Nº 15, disponível in: <http://www.aperturas.org/articulos.php?id=262&a=Genetica-psicopatologia-evolutiva-y-teoria-psicoanalitica-el-argumento-para-terminar-con-nuestro-no-tan-esplendido-aislamiento>

MONZANI, Luiz Roberto, “O que é filosofia da psicanálise? In *Philosophos*, Goiânia, v.13, n. 2, p. 11-19, jul./dez. 2008.

ROWE, David, *The Limits of Family Influence. Genes, Experience and Behavior*, New York, Guilford Press, 1994.

STRAWSON, Peter F., *Ceticismo e naturalismo. Algumas variedades*, trad. Jaimir Conte, São Leopoldo RS, Editora UNISINOS, 2007.

STRAWSON, Peter F., *Análise e metafísica: uma introdução à filosofia*, trad. Armado Mora de Oliveira, São Paulo, Discurso Editorial, 2002.

SIMANKE, Richard Theisen, “O que a filosofia da psicanálise é e o que ela não é” in: SIMANKE, R. T. *et alii, Filosofia da Psicanálise: autores, diálogos, problemas*, São Carlos, EdUFSCar, 2010.

WHITTLE, Paul, “Experimental psychology and psychoanalysis: What we can learn from a century of misunderstanding”, *Neuro-Psychoanalysis*, 2.